

# ÉBRIOS DEVANEIOS IMPROVISADOS

Marco Aurélio Correa

O ALARANJADO QUE AQUARELAVA O CÉU de fim de tarde na Praça Mauá criava a impressão que aquele cenário fosse uma pintura com tinta em óleo em tons que coloriam o céu. Carola saía mais uma vez de seu expediente de trabalho no Museu de Artes do Rio, mesmerizada por aquela paisagem digna de tela naturalista. A mulher andava quase hipnotizada observando o céu, que pena que logo esse estado de apreciação seria perturbado pelo laranja plastificado das estações de bicicleta que povoavam a praça.

O fim de seu estado de contemplação a fez lembrar que havia marcado um compromisso praquela dia. De certa forma ficou feliz pois evitaria a hora do rush na volta pra casa pra zona oeste, mas logo se frustrou pois lembrou que seu compromisso era um encontro com seu amigo Antônio que passava por mais de uma de suas bads. Pelo menos beberia uma cerveja pra compensar, pensou ela, depois de mais um estressante dia de trabalho. Carola nunca imaginou que trabalhar como mediadora de museu poderia ser tão cansativo e decepcionante. O problema não eram as artes em si, mas sim os seus fãs, aqueles pedantes que sempre encontravam uma palavra difícil para desmerecer o trabalho dos outros.

Antonio já a esperava no bar, de longe já era possível reconhecê-lo por causa de seus dreads e a presença de sua fiel companheira, uma garrafa de água com gás. Carola chega perto da mesa e cumprimenta seu amigo com um abraço longo que só os dois sabiam dar.

- Olha, tirou as tranças! Você nunca consegue ficar muito tempo com o mesmo cabelo né, metamorfose ambulante - fala Antonio em um tom carinhoso puxando os fios enrolados do black de Carola.

– Esse seria um comentário que meu pai faria, mas tudo bem, já te conheço ao ponto de relevar isso. E até que faz sentido mesmo, não consigo ficar muito tempo parada no mesmo lugar.

Os dois se aconchegam em suas cadeiras de plástico enquanto Carola faz um sinal do cotovelo a ponta dos dedos para o garçom, como se abraçasse carinhosamente um litrão.

– Cara e aí, o que me conta? Tá mais tranquilo? Conseguiu marcar aquela reunião pra botar pra frente o projeto? – pergunta Carola ainda meio sem paciência e agitada do trabalho, já adiantando o que viria pela frente.

– Cara, horrível, cinema é parada coletiva né, e cada vez eu vou vendo que não sirvo muito pra isso. A galera não quer nada, todo mundo fala que tá envolvido no meio de um monte de corre, mas aposto que tempo pra maratonar Netflix todo mundo tem.

– Pô, às vezes é mais ou menos isso mesmo, nem todo mundo vive só de freela que nem você, tem dias que depois do museu eu só é quero sentar no sofá e ver novela na tv com a minha mãe.

Carola fica meio sentida se achando ríspida pela resposta. Eles eram muito amigos pra ela não ter paciência com esse momento do amigo. Tenta quebrar o gelo no ar oferecendo um copo de cerveja pra Antonio que sem pestanejar recusa:

– Hoje nem rola cervo pra mim, vou chegar em casa e tenho que mexer nuns textos. Cerveja me dá sono e se eu tomar o primeiro copo já era.

A jovem consente, matando quase numa golada seu primeiro copo. Enquanto degusta o gelado amargo banhar sua língua vai aguardando o tão esperado desabafo do amigo.

– Tá ligada naquela história de afrofuturismo? Tô com umas ideias muito boas pra um roteiro...

Antonio esperava alguma reação de sua amiga, mas ela continua esperando ele continuar a falar. A falta de ânimo dela inicialmente desaponta o rapaz, mas logo ele volta a falar:

– Não vou dar uma de palestrinha porque tu já tá ligada nessa história toda de afrofuturismo né, um outro futuro onde a gente preta tá no poder e não vive essa fossa. Tipo Wakanda. Mas então, tá ligado nesses patinetes que tem vários por aqui? Eu fui lá no Observatório na Maré outro dia desses e vi uma galera vendendo na feirinha da Teixeira. Aí fiquei imaginando se não dava pra fazer uma história com isso, alguma gambiarra com placa solar, energia sustentável, falar mal de milícia e tal...

A jovem ia concordando enquanto bebericava a sua cerveja, queria estar mais disposta,

mas já sabia o rumo que a conversa ia tomar, mas sabia que o amigo precisava de um ombro e de um ouvido. Se reanimando ela engata:

– Mas será que esse vai pra frente? Consegue meter em algum edital? Tá geral falando de afrofuturismo, com essas parada da Amazônia dependendo da pra arranjar alguma coisa. Com o nome que tu já fez nesses corre de cinema já tava na hora de você arranjar algo lá na plim plim.

Carola se sentiu mal mais uma vez com o comentário, era o gatilho que faltava pra conversa começar a tomar os rumos de sempre. Pelo menos ela ainda tinha cerveja pra acompanhar os devaneios do amigo.

– Quem me dera, os curtas e os prêmios que eu fiz não me serviram pra nada. Tirei uma onda ali, ganhei uns like, uma galera que tá começando no corre me respeita. Mas no final das contas só consegui mais uns freelas filmando isso e aquilo. É onde eles querem que nós pretos fiquem. Ainda mais os retintos como a gente. Cinema não dá futuro, muito menos artes, ainda mais com a conjuntura atual... Tô achando que a parada é migrar pra educação, fazer umas parada pra criança, por isso acho que aquele meu projeto sobre meninos negros era uma boa...

– Pô, não é bem assim também não - respondeu impaciente Carola – pelo menos você já fez umas paradas irada. Eu tô há mó tempão tentando organizar alguma coisa pra fazer lá em Bangu com a galera de lá e não consigo. Essas paradas de cultura só rola aqui pelo centro, aquele papo de sempre. Sei que tenho mó potencial pras artes mas não consigo desenvolver nada. Teus filmes já rodaram em um monte de favela, tu não sempre me falou que o importante era ver a alegria do pessoal de se ver nas telas? Isso é algo que você já conseguiu e mó galera vem tentando fazer.

– Mas isso é o básico e o óbvio, as favelas deviam se alimentar disso, tem vários mais velhos lá sinistros que tem uma porrada de coisa pra contar mas falta a verba, a iniciativa, – Antonio começa a se empolgar e a se levantar da mesa – acho que bem que a gente podia botar aquele projeto da memória da comunidade de volta pra frente né, a gente entrevista os coroa, pra falar de como era antigamente, do que podia melhorar. Dependendo aproveito e pego umas externas, vejo uns moleque de lá que podem colar nas minhas ideias de infância e masculinidades negras. Ou até mesmo a história do patinete mesmo. O foda é tempo e grana, não sei se vou conseguir, semana que vem tem aquele freela e eu ainda tenho que fechar o roteiro afrofuturista.

Carola leva a mão na testa lentamente e sente que a conversa não vai dar em nada, se segura pra não falar besteira, mas a cerveja já vai começando a deixar ela sem papas na língua.

– Tá vendo? Esse é que é o teu problema Antonio, você tem várias ideia irada mas se sabota, chega com as soluções mas arranja mais problema. Tá te faltando foco, acho que isso é coisa do teu signo. Coisa de geminiano mesmo.

– Agora só falta falar do meu Orixá também né, – replica rapidamente Antonio – que eu sou de não sei quem e por isso eu quero fazer mil coisas ao mesmo tempo.

– Eu devo tá vivendo meu inferno astral mesmo, tento ser a diplomata e dá nisso – enquanto isso ela bota a mão na garrafa –, pelo menos meu litrão não esquentou, era pra ter pedido a seiscentos mesmo mas o litrão é mais em conta.

Carola mata o último copo e pede mais outro litro de cerveja. Antonio começa a ficar preocupado com a empolgação da amiga mas não diz nada. Era sua vez de ouvir.

– Você devia parar de ficar pensando demais e de encontrar problema em tudo, ao invés disso devia tentar adiantar as suas próprias coisas. Se promove cara, sempre falei pra você fazer um instagram, só é lembrado quem é visto. Com a tua cabeça e teu o tempo eu já tinha arranjado alguma parada. Parece que no final das contas você tem medo, acho que esse é o teu segredo. Eu me mato aqui apresentando a mesma exposição o dia inteiro pra gente branca que quer fingir de inteligente, junto uma grana, dou moral em casa e quando dá levo a família pra passear ainda. Você não precisa fazer metade disso, faz coisa irada pra caraca e fica ai no mundo das ideia. E depois ainda reclama da galera da academia.

O rosto do Antonio expressa um misto de susto e de vergonha, é difícil de se reconhecer os próprios privilégios. Faltava coragem pra conseguir responder a amiga, mas antes disso ela continua:

– Ainda bem que eu gosto de tu, porque se não tu estaria ferrado, acho que só eu tenho a paciência pra te ouvir e te dizer o óbvio. A memória é uma ilha de edição, você sempre diz. E tenho preferido os cortes quando você não tava nessa vibe se botando pra baixo - diz Carola rindo e bebendo seu copo.

– Caraca, valeu, não sei o que seria de mim sem você. O que falou é verdade, parece que eu tô com pressa de uma coisa de que ainda não aconteceu - o rapaz passa a mão no cabelo como se aliviasse. Parece que as vezes tem uma coisa lá dentro da minha cabeça meio que me controlando e me faz perder o rumo das coisas. Acho que você é uma pessoa muito foda também, tu devia botar as suas artes pra frente. Aquele rolé da performance que tu fez uma vez, foi onde mesmo? No BRT do fundão com a galera lá da EBA né. Acho que é disso que a gente precisa, chocar a galera no dia a dia, quando eles estão de guarda baixa.

A fala de Antonio arrebatam Carola, ela não imaginava que ele iria assumir o erro assim, os elogios principalmente que a chocaram, ela nunca pensou que a sua performance tinha esse todo impacto nele, uma pessoa que ela respeitava tanto. Um grande sorriso abria em seu rosto, num misto de embriaguez com reconhecimento.

– Será que você teria coragem de repetir ela aqui, agora?

A pergunta de Antonio veio de repente, mas ela não se intimidou, ficou meio pensativa, mantendo um sorriso de canto de boca.

– Olha a galera que tá em volta da gente, só gente preta e trabalhadora, não é essa galera que a gente quer tocar? Não é por falta de diálogo que estamos afundando nesse chorume? Vai lá e choca eles, fala pro fundo do coração, pro inconsciente, do jeito que você sabe bem, quem sabe assim rola uma reviravolta, prometo que não vou gravar.

As palavras de Antonio instigavam ela, a ideia era realmente boa, tinha tempos que ela tinha vontade de performar novamente. Carola se levantou levemente da cadeira, respirou fundo e andou despercebida pro meio das cadeiras que ficavam na área externa do bar. Uma gargalhada estridente e sombria que parecia vir do fundo de suas entranhas chamou a atenção de todo mundo que estava no bar, era a atenção que precisava. Envolvida no transe começou a proferir suas palavras:

–Trabalhadores do mundo vamos se unir! Nos unir de verdade e percebermos que estamos todos atolados na mesma merda e quanto mais nos mexemos desesperados sem direção mais nos afundamos e mais ela fede. Nós não somos todos iguais, é isso que os nossos patrões não querem que a gente saiba. Somos diferentes e por isso precisamos nos unir. Acho que era isso que aquele cara que morreu na cruz queria que nós fizéssemos, nos uníssemos contra aqueles que mentem, que nos enganam, que dizem que temos todos as mesmas chances, mas no final do ano quem viaja são eles.

Carola dizia as palavras sem pestanejar, o falatório do bar se silencia pra dar atenção a performance de Carola. Ela enche um lado rosto de tapas e volta a falar com ainda mais afinco.

– Eles dizem que a gente tem que virar a cara pra tomar outro tapa, mas quando alguém viu um patrão ou esses políticos darem a cara pra tapa? Já chega dessa coça, temos que começar a devolver esses tapas, vamos perder a vergonha e se unir, pois duas mãos são mais pesadas do que uma. Ninguém segura a mão de ninguém desde que a sua mão não esteja manchada de dinheiro sujo e roubado pelo suor dos outros.

Com uma pequena pausa Carola observa o clima atônito do bar, pega a sua saia e gira dando gargalhadas:

– O mundo gira e vacilão roda, vamos cobrar quem está nos devendo porque essa dívida é grande e histórica.

As palavras ditas de peito aberto causam um misto de reações no meio da plateia, teve gente olhando sem entender nada, gente que continuou a conversar quando percebeu que se tratava de uma performance, gente rindo e gente filmando. Carola termina isso tudo com um obrigado e senta novamente na sua mesa. Antonio puxou algumas palmas acompanhadas por algumas pessoas sorridentes naquele bar, não dava pra saber se as palmas eram porque a performance foi realmente boa ou porque as pessoas já estavam bem ébrias.

– Não foi tão ruim pra um improviso né? Eu não lembrava o texto original então fui encaixando umas coisas, a cerveja me deu um empurrão também. Acho que fiquei até sóbria novamente – dizia Carola satisfeita e aliviada, como se tivesse tirado o peso da rotina das costas.

– Foi muito bom! Queria poder saber o que passou na cabeça da galera, eu devia ter filmado. Até eu fiquei animado depois disso, eu não sei o que seria de mim sem você...

– Sabe mesmo não?

– Não sei...

– CORTA! - gritava a diretora atrás da câmera que filmava a cena, ajeitando seu dreads que caíam pelo rosto. Carola e Antonio se abraçam e todo mundo começa a soltar os equipamentos e largar as suas posições, o set improvisado no bar começa a se desmontar. Os dois protagonistas comemoram com a equipe com abraços e apertos de mão, até que se esbarram novamente agora próximo ao meio fio distante das mesas do bar.

– Ficou bom não foi? Meio teatro de arena, os figurantes de verdade ajudaram bastante também, acho que o chocou eles de verdade foi ver tanta gente preta envolvida em uma filmagem assim. Que equipe foda! Você é um ator muito foda Antonio, pegou o papel direitinho - falava Carola meio ofegante após a performance ainda.

– Eu que agradeço por atuar junto com você, sabia que esse dia ia chegar e no final das contas nem precisei interpretar muito, acho que a vida de quem é metido com arte é uma performance constante né. Mesmo quando a gente não tá performando - respondia Antonio alegremente.

– Pois é, a arte imita a vida, as vezes nem sei mais o que é realidade nessa vida de atriz, artista, cineasta, roteirista, sei lá mais o que...

– Eu fico pensando nisso, já pensou se nossa vida na realidade for só a execução mal atuada de um roteiro mal escrito?

– Ou pior – Carola complementa- imagina que esse roteiro nem chegou a ser filmado e virou um conto?

– E se?

– Será se?

**Marco Aurélio da Conceição Correa**

Professor da Rede Municipal do Rio de Janeiro (SME-RJ), Mestrando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed-UERJ), Pós-Graduando em Ensino de História da África (PROPGPEC-CP2).